

Aplicativos de notícias e efeitos de sentidos: diferenças de destacamento¹

Érika de Moraes

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Bauru, São Paulo, Brasil
erika.moraes@faac.unesp.br

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v46i3.1511>

Resumo

A comunicação digital ampliou a disponibilidade de notícias, porém, é cada vez mais comum que se leiam apenas os títulos, que são um aspecto destacado do assunto abordado. Dessa forma, a crescente influência dos aplicativos de notícias é decisiva para a construção de efeitos de sentidos inusitados a respeito dos fatos noticiados. Este trabalho analisa esses efeitos em notícias veiculadas em dois aplicativos de notícias, um nacional (o portal UOL) e um internacional (*Le Monde*), com respaldo no quadro teórico-metodológico da Análise do Discurso francesa (AD), priorizando noções como as de destacamento, destacabilidade e aforização (MAINGUENEAU, 2010; 2014).

Palavras-chave: discurso; destacamento/destacabilidade; aplicativos de notícias.

News apps and effects of meanings: differences of detachment

Abstract

The digital communication has expanded the availability of news; however, it is increasingly common to read only the titles, which are one detached aspect of the subject matter. Thus, the increasing influence of news apps is crucial for the construction of unusual effects of meaning about the reported events. This paper analyses these effects in news in two news apps, one national (the UOL portal) and other international (*Le Monde*), with support in the theoretical and methodological framework of the French Discourse Analysis (DA), emphasizing concepts such as of detachment and aforization (MAINGUENEAU, 2010, 2014).

Keywords: discourse; detachment; news apps.

1. Introdução

Com a comunicação digital cada vez mais presente na vida das pessoas, o hábito de ler jornais em papel vem sendo substituído pela leitura *on-line*, não só por meio das telas dos computadores, mas muito especialmente pelos dispositivos móveis. *Tablets* e *smartphones* já são quase uma extensão do ser humano, de forma ainda mais significativa para a chamada *geração selfie*², aquela que registra e publica seus momentos cotidianos em redes sociais, muitas vezes, passando mais parte do seu tempo nessas redes do que interagindo efetivamente com a sociedade. Em uma interpretação complementar, o digital tem se tornado o novo espaço de relação social efetiva na contemporaneidade,

¹ Este trabalho tem desdobramentos em pesquisa pós-doutoral realizada pela autora em 2017 na Université Paris-Sorbonne, com apoio da FAPESP (processo 2016/18915-3).

² A definição de *geração selfie* pode ser elástica. Remete aos jovens nascidos no auge da comunicação digital (final dos anos 1990 e início dos anos 2000), mas também a todos aqueles que se “adaptaram” a essas tecnologias. Faz referência ao comportamento de tirar fotos de si mesmo para publicar em redes sociais.

funcionando como *o modo de interação contemporâneo* por excelência. Ou seja, a depender das formas como é mobilizado, pode implicar ou não alienação.

Qual seja a posição sobre o espaço digital (interação ou alienação), é sabido que, no atual contexto, há disponibilidade de acesso à infinita quantidade de notícias, as quais poucas vezes são lidas de forma qualitativa. É comum que se leiam apenas títulos e, se as matérias jornalísticas já são um recorte da realidade, pré-definido de acordo com uma linha editorial, estes são um “recorte do recorte”, um aspecto “destacado” do assunto abordado, focado num certo posicionamento. Dessa forma, diversas informações são retransmitidas de modo superficial e, especialmente quando compartilhadas nas redes sociais, recebem comentários com base apenas em seus títulos, que, geralmente, abordam um aspecto particular do assunto tratado, que pode até mesmo se contradizer diante do conjunto da informação.

Levando em conta esta realidade social e a crescente influência dos aplicativos para dispositivos móveis (os famosos *apps*), este artigo propõe discorrer a respeito dos efeitos de sentidos construídos com base nos destaques em títulos nos aplicativos de notícias. Abordaremos notícias de dois aplicativos, sendo um nacional (UOL) e um estrangeiro (*Le Monde*). Optamos pelo aplicativo UOL por ser um dos mais populares no Brasil e ter vínculo com o grupo Folha, responsável pelo jornal *Folha de S. Paulo*, de grande circulação e influência nacional. A opção pelo aplicativo do jornal francês *Le Monde* se justifica por sua importância internacional. Trata-se de um dos jornais mais mencionados quando se trata de imprensa europeia. Situa-se em um país em evidência na União Europeia e no mundo, a França, que sediou a Conferência do Clima de Paris (COP 21), recebendo chefes de estado do mundo inteiro, menos de um mês após os atentados terroristas de novembro de 2015, reivindicados pelo Estado Islâmico.

Selecionamos notícias que tiveram relação com o Brasil e foram veiculadas tanto pelo aplicativo *Le Monde* quanto pelo UOL. Iniciamos o recorte pelo jornal francês, por entender que a imprensa estrangeira noticia os fatos sobre o país considerados de maior impacto internacional e, por hipótese, de um ponto de vista distanciado, possibilitando perceber as diferenças de abordagem: como nossa realidade é apresentada aqui e lá. Uma das implicações disso é que o leitor brasileiro que acompanhe notícias da mídia internacional (neste caso, francesa) terá, conseqüentemente, acesso a uma interpretação de dados supostamente mais isenta (*supostamente*, ou seja, não se trata de uma verdade, mas de um efeito). Outra implicação é que essa visão do exterior, contraposta a um destaque na mídia nacional, pode demonstrar que a mesma notícia produz efeitos de sentidos diferenciados, conforme os aspectos que são enfatizados, especialmente em seus títulos. As notícias aqui abordadas são de dezembro de 2015 e de março de 2016, período em que a política brasileira esteve em evidência na mídia internacional, devido aos movimentos populares e institucionais pelo pedido de *impeachment* da presidente Dilma Rousseff.

Ao se considerar, ainda, a proposta de Paveau (2015) sobre a compreensão de uma dimensão ética da linguagem e do discurso, pode-se questionar até que ponto as diferenças de destaques afetam o funcionamento da linguagem de um ponto de vista moral.

2. Destacamento e destacabilidade no quadro da Análise do Discurso

Este trabalho se situa no quadro teórico-metodológico da Análise do Discurso francesa, linha desenvolvida por Pêcheux na década de 1960 e, atualmente, por autores como Maingueneau; Paveau e Krieg-Planque (na França); Possenti e Orlandi (no Brasil). Ainda que as abordagens desses e de outros autores possam apresentar algumas diferenças teóricas, compartilham de um quadro conceitual comum, segundo o qual o discurso é atravessado pelo interdiscurso, imbuído de ideologia e influenciado pelo inconsciente. Existe um “sempre-já-dito” por trás de todo e qualquer discurso, correlato aos lugares em que se situam os sujeitos que se colocam como responsáveis por tais discursos. A própria concepção de sujeito é correlata à de discurso, já que não se trata de um indivíduo no mundo ou de uma instituição (o jornal, por exemplo), mas de uma entidade fiadora de determinados posicionamentos.

Busca-se aqui valorizar a importância dos novos suportes tecnológicos na sociedade, sem, no entanto, implicar um deslumbramento quanto à suposta sobreposição do suporte em relação a tudo aquilo que se veicula por meio dele, conforme já defendemos em trabalhos anteriores (por exemplo, MORAES, 2014). Em vez de se pensar que as novas tecnologias proporcionaram uma nova sociedade, poderíamos considerar, de modo complementar, que a sociedade é hoje tal que permitiu o surgimento e o avanço de tais tecnologias. Em meio a este avanço, têm sido propagadas pequenas frases, especialmente nas redes sociais, que se diluem e são reformuladas quase simultaneamente, muitas vezes desaparecendo com rapidez para que outras igualmente curtas surjam e se sobressaiam.

Neste trabalho em específico, consideramos que as noções de destacamento e destacabilidade, tais quais propostas por Maingueneau, sejam de importância fundamental, uma vez que tratamos dos efeitos de sentido produzidos a partir dos “destaques” nos títulos. A ideia de destacabilidade implica a constatação de que os trechos salientados de um texto correspondem a um posicionamento, podendo até implicar a subversão de seu sentido “original”. É o caso, por exemplo, de títulos de reportagens que reproduzem falas entre aspas de determinados enunciadores, mas sem considerar, no título, as condições em que tais dizeres foram produzidos.

Maingueneau (2014, 2010) parte dos destacamentos para mostrar que determinadas frases seriam produzidas com uma convicção diante do mundo, que se apresenta como rica de sentido para todos, o que o leva ao conceito de aforização. O enunciado aforizante se dá ao mesmo tempo como memorável e memorizável. Este autor tem contribuído significativamente com a atualização das pesquisas em Análise do Discurso, por meio de conceitos como o de aforização (MAINGUENEAU, 2014), que ressalta os efeitos de sentido – por vezes, inusitados – dos modos como pequenos textos têm sido produzidos na sociedade.

Segundo a concepção da Análise do Discurso francesa (AD), não há linguagem sem discurso, o que implica dizer que toda e qualquer forma de comunicação é atravessada por posicionamentos ideológicos, que são, em maior ou menor grau, conscientes ou inconscientes. Faz parte do comunicar o pertencimento a uma posição discursivo-ideológica que é, ela mesma, a possibilidade da discursividade simultaneamente gerada por ela.

Para Maingueneau (1997, p. 46), “o que é dito e o tom com que é dito são igualmente importantes e inseparáveis”, não havendo hierarquia entre o “conteúdo” e o

modo de dizer, uma vez que a eficácia de um discurso (mensurada por sua capacidade de suscitar a crença) está diretamente ligada ao *ethos* que ele constrói e, ao mesmo tempo, sustenta.

Para a AD, o discurso não tem um início e não pode ser limitado ao funcionamento interno do texto, uma vez que está ligado a suas condições de produção, à história, às relações humanas. Como diz Foucault, todo discurso repousa secretamente sobre um já dito, que não é simplesmente uma frase já pronunciada, mas um ‘jamais dito’. Assim, não é preciso, nem possível, “remeter o discurso à longínqua presença da origem; é preciso tratá-lo no jogo de sua instância” (FOUCAULT, 1971, p. 21), o que significa debruçar-se sobre as condições de produção que o sustentam, as quais não são estáveis ou homogêneas.

Por esta razão, o discurso deve ser compreendido na sua relação com o interdiscurso, noção indispensável para a concepção de discurso proposta por Pêcheux (1990, p. 79), para quem “é impossível analisar um discurso como um texto, isto é, como uma sequência linguística fechada sobre si mesma, [...] é necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção”.

Daí a necessidade de especificar as condições (históricas, sociais, políticas, econômicas...) em que os discursos se apresentam, uma vez que é de acordo com essas condições que eles produzem os efeitos que produzem e alcançam determinados sentidos. São essas condições, também, que impulsionam a emergência de determinadas frases destacadas, que podem funcionar como fórmulas discursivas.

A noção de fórmula, conforme proposta por Alice Krieg-Planque (2010), permite entender, no quadro discursivo, que, em uma dada conjuntura, uma sequência linguística adquire estabilidade, “porque, a certa altura de sua circulação, acumulam-se relações parafrásticas que delimitam um conjunto saturado de enunciados. E esse conjunto, atualizado em aforizações, configura posicionamentos” (SALGADO, 2011, p. 154). Krieg-Planque designa a fórmula por “um conjunto de formulações que, pelo fato de serem empregadas em um momento e em um espaço público dados, cristalizam questões políticas e sociais que essas expressões contribuem, ao mesmo tempo, para construir” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 9).

Segundo a proposta de Krieg-Planque (2010), a fórmula se define por algumas características essenciais: ter um caráter cristalizado; inscrever-se numa dimensão discursiva; funcionar como um referente social; comportar uma dimensão polêmica. Uma das implicações é que a fórmula é uma noção discursiva, e não linguística, já que “não existe sem os usos que a tornam uma fórmula” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 81). Ou seja, “são seus usos na atividade languageira” (SALGADO, 2011, p. 155), e não uma característica prévia, que garantem à fórmula a propriedade de ser compreendida como tal. Num dado momento, numa dada comunidade (que pode ser mais ou menos abrangente), dada sequência material se torna uma passagem obrigatória dos discursos.

Há um aspecto de notoriedade em toda fórmula; ela é, necessariamente, um signo conhecido de todos num dado período, e todos são chamados a assumir alguma posição em relação ao que está condensado no material linguístico cristalizado, sintetizador de usos, de retomadas (SALGADO, 2011, p. 155).

Longe de ser consensual, esse signo conhecido de todos assume caráter polêmico e instiga a necessidade de posicionar-se diante dele (ser contra ou a favor, às vezes

buscando delimitar nuances entre os posicionamentos). De certo modo, a fórmula constitui-se no embate entre o aparente consenso (negociado, forjado) e um lugar de polêmica, impondo a impossibilidade da indiferença e a obrigação de tomar posição, fazendo mostrarem-se os lugares de onde vêm os discursos numa certa rede de interdiscursividade.

Tal concepção pode ser associada ao quadro teórico proposto por Maingueneau (2010) que, ao tratar da aforização (enunciados sem texto), aborda o problema dos “enunciados destacados” que funcionam aparentemente como “enunciados autônomos”. Por um lado, no caso das máximas, provérbios, *slogans*, citações e destaques da imprensa, haveria um “destacamento constitutivo”, por outro, um destacamento por extração de um texto de seu contexto original, o que, quase sempre, acarreta alteração de sentido.

Um exemplo que estudamos (MORAES, 2016) foi o caso de “Je suis Charlie”, em que o contexto não é um texto vinculado a um gênero de discurso, mas a uma *hashtag* que, na conjuntura histórica atual, caracterizada pela comunicação fortemente influenciada pelas mídias digitais e, muito especialmente, pelas redes sociais, “nasce” com o potencial do destacamento, ao mesmo tempo em que é correlacionada a todo um quadro histórico-social, envolvendo o atentado terrorista ao semanário francês *Charlie Hebdo* e sua repercussão. Quem a pronuncia (ou a repete, compartilha) responsabiliza-se por sua aforização: assume-a como “dizer puro” quase uma consciência (MAINGUENEAU, 2010, p. 14), investindo-se do “ethos do locutor que está no alto, do indivíduo autorizado” (Ibid.), como uma fonte transcendente.

É necessário, portanto, compreender tal frase para além de um “contexto situacional”, mas em um momento histórico específico, caracterizado tanto pela questão do terrorismo e da intolerância, quanto da comunicação mediatizada por tecnologias e pela interação por redes sociais.

As tecnologias digitais têm papel fundamental para que tais acontecimentos adquiram visibilidade abrangente e instantânea. Os títulos destacados não se tornam necessariamente fórmulas (embora isso possa acontecer), mas podem adquirir características formulaicas como a cristalização de sentidos ao salientar aspectos dos discursos que serão lembrados, transformados em memória, enquanto outros se tornam acessórios e passíveis de esquecimento.

3. Um Brasil, alguns destacamentos

Conforme mencionamos acima, neste trabalho, tratamos de notícias relacionadas ao cenário político brasileiro a partir de dezembro de 2015, quando manifestações populares, acompanhadas do papel decisivo desempenhado pelas instituições políticas, legislativas e judiciárias, contra o governo da Presidente Dilma Rousseff e a favor do pedido de *impeachment* colocavam o país em evidência também na mídia internacional. Consideraremos uma notícia veiculada no dia 15 de dezembro de 2015, sobre política brasileira. O aplicativo *Le Monde* (bem como a versão *web* do jornal francês) divulgou notícia com o seguinte título³:

³ Nos exemplos de *Le Monde*, transcreveremos o original em francês e a nossa tradução.

Brésil : perquisition chez Eduardo Cunha, l'homme qui menace Dilma Rousseff
(trad.) Brasil: busca na casa de Eduardo Cunha, o homem que ameaça Dilma Rousseff
(*Le Monde* 15.12.15)

Já no título, o protagonista desta notícia, Eduardo Cunha, é definido como “o homem que ameaça Dilma Rousseff”. A expressão, utilizada como aposto ou alcunha, funciona, em termos discursivos, como um pré-construído, ou seja, uma informação que é dada, pelo texto, como verdadeira e inquestionável. Esta construção discursiva que opõe Cunha e Dilma é reforçada na continuidade do texto:

Eduardo Cunha, principal adversaire de la présidente de gauche, Dilma Rousseff [...]
(trad.) Eduardo Cunha, principal adversário da presidente de esquerda, Dilma Rousseff [...]
(*Le Monde* 15.12.15)

Em seu conjunto, os dois enunciados acima constroem a imagem de Cunha em relação (de oposição) à de Dilma Rousseff, como adversário e como uma ameaça, claramente um opositor. Outro ponto a destacar é que a matéria caracteriza Dilma como “presidente de esquerda”, o que serve para contextualizar a posição política do governo brasileiro (um dado relevante em se tratando de imprensa internacional, já que o público pode não estar familiarizado com a conjuntura política brasileira) e, simultaneamente, reafirma essa posição. O trecho a seguir, que esclarece o motivo da busca na residência de Eduardo Cunha, também complementa a caracterização de sua imagem, destacando o fato de se tratar de um deputado “evangélico” e “ultraconservador”.

Eduardo Cunha est le député évangélique et ultraconservateur à l'origine de la procédure de destitution à l'encontre de Mme Rousseff pour maquillage des comptes publics, alors qu'il est accusé lui-même de corruption et blanchiment d'argent dans l'enquête sur le réseau de corruption au sein du géant pétrolier public, Petrobras.
(trad.) Eduardo Cunha é o deputado evangélico e ultra-conservador na origem do processo de *impeachment* contra Sra. Rousseff por maquiagem de contas públicas, enquanto ele próprio é acusado de corrupção e branqueamento de capitais na investigação da rede de corrupção dentro da gigante petrolífera estatal Petrobras.
(*Le Monde* 15.12.15)

O excerto acima também contribui para esclarecer o contexto político brasileiro. Revela, para um leitor eventualmente menos familiarizado com a política nacional, que há um pedido de *impeachment* em curso contra a presidente Dilma, que este pedido foi originado pelo deputado Cunha, enquanto o próprio é acusado por corrupção relacionada ao escândalo Petrobras. Sem dizer diretamente, o jornal francês aponta a contradição: o acusador é também um acusado, o que põe em questionamento o direito moral de acusação.

Embora a matéria seja relativamente curta, ela fornece ao leitor certo número de informações (não necessariamente óbvias para um leitor estrangeiro) sobre a política brasileira: há uma solicitação de *impeachment* em curso contra a atual presidente do Brasil; há um escândalo de corrupção relacionado à estatal Petrobras; há uma busca de evidências na casa de deputado envolvido com esse escândalo, que é o mesmo que

originou o pedido de *impeachment* contra Dilma Rousseff. Quem lê apenas o título da notícia – o que é bastante comum na leitura em aplicativos – tem acesso à informação principal, sobre a busca na residência de Cunha, e também ao fato de que o protagonista da notícia em questão é opositor de Dilma Rousseff.

No mesmo dia, o portal UOL veiculou notícia sobre o tema com o seguinte título:

PF faz operação de busca e apreensão na casa de Eduardo Cunha em Brasília

(UOL 15.12.15)

A notícia relativamente curta (que reproduziremos a seguir), diferentemente de *Le Monde*, não faz menção à Presidente Dilma Rousseff:

A Polícia Federal (PF) está na residência oficial do presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha (PMDB-RJ), no Lago Sul em Brasília. Três viaturas da PF, com aproximadamente 12 agentes, isolam o local e cumprem mandados de busca e apreensão, no âmbito da Operação Lava Jato.

Informações preliminares indicam que novos mandados estariam sendo cumpridos em outros locais de Brasília e em alguns estados.

Hoje, o Conselho de Ética da Câmara pode votar o parecer sobre a representação contra Eduardo Cunha por suposta quebra de decoro parlamentar. O novo relator da representação movida pelo PSOL e pela Rede, o deputado Marcos Rogério (PDT-RO), apresenta o parecer favorável ao prosseguimento das investigações.

(UOL 15.12.15)

Vale ressaltar, como diferença em relação à abordagem de *Le Monde*, que a notícia do portal UOL se concentra no fato relativo à operação de busca e apreensão na casa de Eduardo Cunha, sem contextualizar suas relações com a Presidente da República. Há em circulação na mídia brasileira outras notícias que tratam da oposição entre Cunha e Rousseff, porém a notícia em questão não faz remissão a esse fato. Há, ainda, outras notícias complementares sobre o tema divulgadas no mesmo dia, porém, optamos por destacar a primeira delas, que apresenta o “fato novo do dia”, ou seja, a apreensão na casa de Cunha, sem maiores contextualizações.

Já o jornal francês, mesmo numa notícia curta, fez menção à referida oposição, destacando, dessa forma, um segundo aspecto relacionado à notícia em si: o fato de que o histórico político do deputado Eduardo Cunha enfraquece o seu direito moral de acusação à Presidente da República, argumento que não é dito explicitamente, mas vem à tona, discursivamente, ao vincular a caracterização de Cunha às suas relações políticas com Dilma Rousseff.

Considerando que muitos leitores acessam apenas o título das notícias, constata-se que o leitor de *Le Monde*, neste caso, tem acesso a uma informação complementar não disponibilizada em notícia equivalente do UOL. Uma das implicações disso é que o leitor brasileiro que acompanhe notícias da mídia internacional (neste caso, francesa) terá, conseqüentemente, acesso a mais elementos para uma interpretação de dados. Outra implicação é que essa visão, de um ponto de vista exterior, contraposta a um destaque na mídia nacional, revela que a mesma notícia produz efeitos de sentidos diferenciados, conforme os aspectos que são enfatizados, especialmente em seus títulos. Entendemos, assim, que a análise dos destacamentos em aplicativos de notícias, tal qual proposta neste

trabalho, contribui para a compreensão da realidade no contexto contemporâneo, caracterizado pela forte influência das mídias digitais na vida dos cidadãos.

O período que segue à notícia supracitada é efervescente para a política brasileira, que se mantém em destaque na mídia internacional. Para mais uma exemplificação, trataremos de notícia sobre um evento particularmente marcante, aquele em que Dilma Rousseff nomeia o ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva para ministro, o que é considerado, pela oposição e por boa parte da população brasileira, uma tentativa de livrar Lula de investigações. A nomeação é feita no dia 16/03/2016, porém, logo no dia seguinte, um juiz pede a sua cassação. O caso ganhou ainda mais repercussão devido a um grampo telefônico registrando conversa entre Lula e Rousseff, que conteria indícios para reforçar a tese da ilegitimidade da nomeação de Lula.

No dia 16 de março, a notícia é contextualizada no título de *Le Monde*:

Brésil: Lula, visé dans un scandale de corruption, entre au gouvernement Rousseff

(trad.) Brasil: Lula, visado em um escândalo de corrupção, entra no governo de Rousseff
(*Le Monde* 16/03/2016)

Enquanto o UOL traz o seguinte título (remetendo à matéria da *Folha de S. Paulo*):

Dilma nomeia Lula como novo ministro da Casa Civil

(Portal UOL 16/03/2016)

No destaque dado por *Le Monde*, chama a atenção a explicação, ou a caracterização a respeito de Lula: “visado por um escândalo de corrupção”. A contextualização poderia, por exemplo, resumir-se a “ex-presidente da República”, mas é feita a opção de destacar, já no título, um aspecto que põe em xeque a moralidade da nomeação.

Acompanhando a cobertura dos fatos nos dias subsequentes, no UOL e em *Le Monde*, chamam a atenção os destaques dados às manifestações populares em torno da nomeação. *Le Monde* traz o seguinte título:

Le retour de Lula au gouvernement met le Brésil dans la rue

(trad.) O retorno de Lula ao governo coloca o Brasil na rua

(*Le Monde*, 17/03/2016)

A notícia é acompanhada de foto de multidão em que predominam os tons de verde e amarelo (em roupas e faixas), com os quais se tenta caracterizar o posicionamento contrário ao governo. O UOL, por sua vez, traz os seguintes títulos:

Manifestações contra o governo acontecem em diversas cidades brasileiras

(UOL, 16/03/2016)

Manifestação pró-Dilma reúne 95 mil pessoas em São Paulo, diz Datafolha

(UOL, 18/03/2016)

O portal UOL, portanto, noticiou tanto a existência de manifestações contrárias ao governo quanto a de manifestações favoráveis, conforme reproduzido acima. A cobertura de ambas as manifestações caracteriza uma tentativa de se construir como mídia democrática, que aborda os diferentes lados de uma mesma questão, embora, como se sabe, a isenção seja apenas um efeito construído pela abordagem jornalística. Acompanhando rigorosamente as notícias sobre o Brasil divulgadas no aplicativo *Le Monde* nesse mesmo período, não foi encontrada cobertura sobre manifestações favoráveis ao PT, o que serve para problematizar, inclusive, a isenção da cobertura na mídia internacional, uma vez que é o caráter homogeneizador das manifestações contrárias ao governo que repercutem em *Le Monde*.

A concentração de leitura nos títulos das matérias, como é bastante comum nos dias de hoje, faz com que os aspectos destacados nos títulos adquiram o caráter de fórmula, conforme vimos segundo a concepção de Krieg-Planque (2010), podendo adquirir o caráter cristalizado, a inscrição em uma dimensão discursiva, o funcionamento como referente social, além de poder comportar uma dimensão polêmica (que, por isso, pode ser contestada). Não significa que os títulos necessariamente se constituam em fórmulas, mas que apresentam aspectos que poderiam caracterizá-las, servindo para criar efeitos de verdades. Por exemplo, de acordo com os destacamentos dos títulos acima, Eduardo Cunha passa a ser visto como “o opositor de Dilma”, Lula como “o envolvido em escândalo de corrupção”. Tais aspectos podem ser ressaltados ou camuflados, a depender do posicionamento do veículo que os noticia, mas sempre contribuem para caracterizar os sujeitos referentes aos personagens das notícias como alteridade, que “carrega em si o outro, o estranho, que o transforma e é transformado por ele” (CORACINI, 2013, p. 17).

A reflexão sobre os diferentes destacamentos pela mídia nacional e internacional pode ser enriquecida a partir de um debate ético em torno dos usos da linguagem, como propõe Paveau (2015), ao provocar a linguística com questões embaraçosas para a disciplina: haverá relação entre linguagem e moral? Pode-se dizer tudo? Paveau propõe enfrentar a questão a partir da noção de “virtude discursiva”, parecendo-lhe legítimo que o linguista atente-se simultaneamente para as manifestações linguageiras e discursivas, dentro de um programa global de interpretação dos usos da linguagem na realidade dos ambientes. Para este debate, a autora retoma ampla bibliografia da filosofia e da linguística, sugerindo “a hipótese de uma articulação entre ético, epistêmico e discursivo” (ibid., p. 55).

Paveau observa que a ética poderá parecer menos alheia à linguística se considerada uma “abordagem linguística que tome como objeto a língua em seus usos sociais, ou seja, o discurso, integrando os contextos de produção e as subjetividades de diferentes ordens (humanas, sociais, culturais etc.) que regem sua elaboração” (2015, p. 83). Se incrementarmos a abordagem da destacabilidade com o questionamento sobre a ética nos usos da linguagem, é possível considerar que os modos de dizer, a partir de diferentes recortes (por parte de diferentes veículos midiáticos), podem produzir efeitos que interferem na relação da linguagem com a moral. Em outros termos, variadas formas de discurso produzem diferentes avaliações morais por parte dos interlocutores.

Pode-se constatar que distintas “verdades morais” vêm à tona de acordo com as abordagens das notícias. No exemplo da notícia sobre a cassação de Eduardo Cunha, houve um questionamento moral mais forte por parte de *Le Monde*, se considerada a

ênfase na relação entre a acusação contra Cunha e o fato de ser ele o grande opositor de Dilma Rousseff. Da mesma forma, houve questionamento moral em relação à nomeação de Lula para ministro, já que foi destacado o fato de este estar associado a escândalo de corrupção.

Por outro lado, o recorte de *Le Monde* em relação à cobertura das manifestações após a referida nomeação de Lula silenciou a existência de movimentos favoráveis, os quais foram mostrados em cobertura do UOL. Nesse aspecto, ao menos em nível aparente, faltou contextualização em *Le Monde* e houve tentativa do UOL de caracterizar-se como mídia isenta, disposta a mostrar os diversos lados de uma questão, o que, na verdade, é apenas um efeito da construção da suposta objetividade jornalística. Os exemplos mostram que o grau de “manipulação moral” deve ser considerado caso a caso nas diferentes abordagens e que, ao comparar os distintos destaques em diferentes títulos, é trazida para um nível mais evidente a constatação de que os variados destaques produzem diferentes efeitos. Ou seja, não há uma cobertura do real, mas de uma construção do real, o que, a rigor, impõe a necessidade de levantar a questão ética inerente ao funcionamento da linguagem. De acordo com o respaldo teórico-metodológico aqui mobilizado, sabemos que o real é, por definição, inacessível. O jornalismo, por sua vez, trabalha com o efeito de evidência do real, o que merece ser constantemente problematizado.

Considerações finais

A sociedade hoje é marcada pela tecnologia. Como defende Maingueneau (2001, entre outros), o *midium* não se resume a mero suporte, mas impacta nos modos de dizer e consequentes efeitos de sentido.

Paveau considera que os chamados por ela *dispositivos tecnodiscursivos* “constituem câmaras de ressonância que levam tanto à banalização quanto à sensibilização para a dimensão moral dos discursos” (2015, p. 320). Observa a autora que as tecnologias discursivas produzidas por esses discursos estão longe de serem apenas suportes técnicos dos discursos, sendo, mais do que isso, seus *elementos constitutivos*.

O destaque sempre foi característico do funcionamento dos veículos midiáticos, estando o jornalismo especialmente envolvido na produção de efeitos de sentido (por vezes, inusitados ou fortemente manipuladores) por meio de seus títulos. O aumento de disponibilidade de notícias ocorrido com o desenvolvimento da *web 2.0* potencializa esses efeitos do destaque. Por sua vez, a forte presença das mídias sociais na vida das pessoas intensifica o efeito de que notícias sejam compartilhadas e comentadas, por meio das novas ferramentas disponibilizadas, sem que seus conteúdos tenham sido lidos na íntegra, o que aumenta a responsabilidade dos títulos na construção de efeitos de sentido.

Os aplicativos de notícias são característicos da produção de sentidos na atualidade, já que as pessoas, cada vez mais, informam-se e trocam conteúdo a partir dos dispositivos móveis. Mesmo quem ainda não se habituou a ler notícias por meio dos aplicativos pode fazê-lo de maneira muito semelhante diretamente pelos navegadores *on line*, seja buscando *sites* de jornais ou informações por motores de pesquisa como o Google. O portal UOL é um dos mais acessados no Brasil e, portanto, constitutivo dos efeitos de sentido sobre a realidade atual. Já a leitura de mídias internacionais exige outros

fatores, como o domínio de língua estrangeira ou mesmo o interesse pelo acesso a visões distintas sobre um mesmo tema.

Se a leitura de notícias em diferentes aplicativos (e, conseqüentemente, veículos) não resolve a questão da manipulação jornalística sobre os fatos, ao menos traz à tona a não transparência da linguagem, ou seja, torna mais palpável a questão de que não é possível ter acesso aos fatos senão pela linguagem, o que já é sempre interpretação. A leitura de veículos estrangeiros pode contribuir para novos parâmetros de interpretação sobre a realidade brasileira. Nesse aspecto, vale postular que seria fundamental o papel das escolas na formação, por um lado, em línguas estrangeiras e, por outro, em educação para as mídias.

REFERÊNCIAS

CORACINI, M. J. *A celebração do outro – arquivo, memória e identidade*. 2. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2013.

FOUCAULT, M. Sobre a arqueologia das ciências; resposta ao Círculo Epistemológico. In: FOUCAULT E OUTROS. *Estruturalismo e teoria da linguagem*. Petrópolis: Vozes, 1971 [1968]. p. 9-55.

KRIEG-PLANQUE, A. *A noção de “fórmula” em análise do discurso: quadro teórico e metodológico*. Tradução de Luciana Salgado e Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2010.

MAINGUENEAU, D. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. 3. ed. Campinas: Pontes/Editora da UNICAMP, 1997 [1987].

_____. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. *Doze conceitos em Análise do Discurso*. São Paulo: Editora Parábola, 2010.

_____. *Frases sem Texto*. São Paulo: Parábola, 2014.

PAVEAU, M.-A. *Linguagem e moral – uma ética das virtudes discursivas*. Campinas: Editora Unicamp, 2015.

MORAES, É. de. O jornalismo on-line sob o viés discursivo – o novo e o já dado. In: BRUNELLI, A. F. et al. (Org.). *Comunicação, Cultura e Linguagem*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. p. 41-58.

_____. De “Je suis Charlie” a “Je suis (...)” – a circulação de uma fórmula e de uma noção de solidariedade coletiva. *Revista de Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 45 (3), p. 791-801, 2016.

PÊCHEUX, M. Análise automática do Discurso. In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Tradução de Eni P. Orlandi. Campinas: Editora da Unicamp, 1990 [1969].

SALGADO, L. A leitura como um bem: slogans e consenso. In: MOTTA, A. R.; SALGADO, L. *Fórmulas discursivas*. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

Recebido em: 08/08/2016

Aprovado em: 29/11/2016